

portugal
evangélico



A Bíblia Hoje

Índice

A Bíblia ainda é para hoje?	4
Algumas coisas que todo o mundo devia saber sobre o Antigo Testamento	7
Como posso ler a Bíblia hoje?	10
Quero ser mais humano	12
Bíblia e Evangelização	14
Universidade Metodista Unida de Moçambique UM SONHO	16
África aqui tão perto	18
Conselho Europeu Metodista	20
Notícias Oikoumene	21
Notícias	22

*“Lâmpada para os meus
pés é tua palavra, e luz
para o meu caminho.”*

Salmos 119:105



Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Diretora: Estela Pinto Ribeiro Lamas
Sede da Redação: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410 • Fax 22086961
Tiragem: 750 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482 • Depósito Legal n.º 201/84 • Nº contribuinte: 592004244
Execução Gráfica: Officina Digital, Lda - Zona Industrial de Taboeira, Lote 15 - 3801-101 Aveiro - Tel. 234 308 697 - www.officinadigital.pt
Grafismo: Gabinete de Comunicação e Projetos da IEMP • Equipa redatorial: Estela Lamas, Eduardo Conde, Maria Eduarda Titosse e ,Gabinete de Comunicação e Projetos da Igreja Metodista.

Colaboraram ainda neste número: Timóteo Cavaco, Bob Butterfield, Eva Michel, Ricardo Godim, Jaime Goytia, Jamisse Uilson e Clara Lencastre.

A equipa redatorial é responsável pela seleção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições.

O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redatorial.
O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérita: a partir de 12,00 euros



A Bíblia hoje

imprescindível e fundamental para o reconhecimento da diversidade e para a construção da unidade

O tema deste número é de uma grande riqueza. O questionamento presente na maior parte dos artigos confronta-nos com a realidade para a qual Timóteo Cavaco nos alerta: "(...) continua a haver muito caminho a trilhar para que a Palavra de Deus seja realmente para todos!", uma realidade à qual não podemos fugir – como fazer chegar a Bíblia a 'todos' – uma realidade que, cada vez mais, se constrói das formas mais diversificadas.

Emerge, logo à partida, a ideia do envolvimento do outro, o compromisso do 'eu' com o outro. Este envolvimento e este compromisso implica a abertura do 'eu' ao outro, a partilha. Para que esta partilha possa efetivar-se, importa reconhecer a diversidade, quer dos seres com quem comunicamos, interagindo e dialogando, quer dos meios que utilizamos para que a Palavra de Deus por eles seja recebida, compreendida. Por ela, e com ela, entramos em comunhão, vivemos a comunhão com Deus, construímos a unidade a que Ele nos exorta. Precisamos de estar abertos não só à diversidade do ser, como à diversidade de línguas, de meios a que recorreremos para viabilizar a difusão da Bíblia. Nunca será de mais enfatizar que, pela difusão da Palavra de Deus, nós estaremos a contribuir para construir a unidade a que Ele nos exorta!

Esta ideia de partilha e comunhão está também patente nas palavras de Bob Butterfield que, ao recordar as festas do ano litúrgico hebraico, evidencia "(...) a responsabilidade de ensinar os valores da comunidade (...) fundamentais como também imprescindíveis para a vida humana". De novo, podemos confirmar a importância de cada um de nós se questionar em relação ao comportamento e atitudes no relacionamento com o próximo e com Deus, através da Palavra divina que nos ajuda a autoavaliarmos a nossa conduta e a autocorrigir-mos.

Esta procura de aperfeiçoamento está presente no artigo de Eva Michel, pela forma criativa como foca o tema – um diálogo entre alguém que procura descobrir as mensagens que a Bíblia transmite e alguém disponível para abrir vias para a descoberta da essência dessas mensagens. O abrir de vias diversas visa ir ao encontro da diversidade de cada um que procura, na leitura da Bíblia, respostas para as suas dúvidas, para as suas ansiedades. Nas respostas, que vão surgindo, ao longo do artigo, para as perguntas colocadas por Carina –, verificamos que as narrativas bíblicas são referenciadas "(...) como uma coletânea de testemunhos de fé" e face à grande diversidade das experiências que cada ser

tem no relacionamento com o próximo e com Deus, essas narrativas são também referenciadas como "(...) uma magnífica coletânea de testemunhos da presença, do amor e da graça de Deus".

Ricardo Gondim, partilha a aprendizagem ao longo da vida, que leva à transformação do seu ser e, exterioriza-a: "(re)direcionei a minha leitura bíblica (...) (re)li a Bíblia de capa a capa, procurando o coração paterno de Deus (...) (re)compus a minha vida devocional." Ao nos abrimos a esta (re)(i)novação, em vez de nos centrarmos em nós, o nosso ser transforma-se. Jaime Goyta, com base no envolvimento de todo o seu ser "não só (...) o estômago ou a cabeça (...) mas [também] o coração, a mente, a alma", ecoa esta (re)(i)novação, ao desenvolver o tema escolhido: "Quero ser mais humano". À imagem deste envolvimento do ser no seu todo, ele incita as igrejas a envolverem todos os seus membros, a envolverem-se umas com as outras na 'oferta da Bíblia', na divulgação da Palavra de Deus.

Na sequência destes artigos, encontramos relatos de experiências atuais que fazem eco das reflexões apresentadas. Jamisse Taimo e Estela Lamas partilham a realização de um sonho que os animou durante anos – a inauguração da Universidade Metodista Unida de Moçambique que concretiza a abertura de vias que despertem em "todo o ser, que a vier a integrar, o que de essencial nele existe (...)", que o ajudem a "descentrar-se de si, a sair de si, para ser útil ao próximo, para contribuir para uma sociedade mais justa, para que o Reino de Deus possa ser enaltecido". Por sua vez, Clara Lencastre narra, d a, a experiência rica vivida, em Kibera, com crianças "que nada tinham"; salienta o dar e receber que tanto a enriqueceu a ela como a essas crianças, no seguimento do lema de Nelson Mandela por ela posto em relevo: "Nós podemos mudar o mundo e torná-lo num lugar melhor. Estás nas tuas mãos fazer a diferença".

As notícias da vida da igreja, a nível europeu, ecuménico, das comunidades metodistas e presbiterianas em Portugal, são testemunho, nos dias de hoje, da repercussão das vivências relatadas na Bíblia, levando ao reconhecimento da diversidade que caracteriza a humanidade e à construção da unidade, concretizada no tema que orientou a 18ª edição do Fórum Ecuménico Jovem: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mateus 14:16).



A BÍBLIA AINDA

É assombroso! Relembro com grande emoção o momento em que vi pela primeira vez os antiquíssimos manuscritos do livro de Isaías descobertos nas cavernas de Qumran; ali mesmo apenas à distância de um olhar. Ou aquele dia memorável em que, apesar do grosso vidro que nos separava, ali estava eu diante do fragmento do evangelho segundo João do século II da famosa coleção Rylands. Ainda que não se disponha de manuscrito algum ou sequer de um fragmento original de qualquer dos textos bíblicos, é indissimulável a perturbação que nos causa a presença destes testemunhos materiais da Escritura. Nada certamente que se compare ao efeito que nos causa uma “banal” edição da Bíblia impressa há uma meia dúzia de anos ou mesmo acabada de sair dos escaparates. Nada que se compare à impressão que nos deixa um registo sonoro da mensagem bíblica, ainda que gravado com qualidade e por pessoas qualificadas, ou uma aplicação a que recorremos com frequência no smartphone ou no tablet.

Somos pessoas e naturalmente temos as nossas emoções. Mas como nos fala a Palavra de Deus? O que nos diz a Bíblia? Qual o impacto que a Escritura tem em nós? Embora a oralidade talvez seja o meio de comunicação mais volátil e efêmero – “palavras, leva-as o vento”, diz o povo – nada se compararia à oportunidade de termos ouvido diretamente as palavras do profeta do Antigo Testamento, portador de uma mensagem dos céus – “Assim diz o SENHOR...” – ou mesmo Jesus, quer em discurso direto quer citando Escritura já consolidada no seu tempo – “Ouvistes o que foi dito aos antigos...” Porém, nenhum

de nós teve essa oportunidade, pelo que somos filhos de um processo misterioso e enigmático tecnicamente designado de “transmissão”. Pois é! Vencendo séculos e milénios de improbabilidade, a Bíblia chega-nos completa. Já foi pedra, já foi pau, já foi pele, já foi... ainda é papel. Mas, acima de tudo, é Palavra de Deus. Muito para além da sua materialidade e do suporte que a contém e a transporta, a Bíblia é mensagem e só isso a torna única.

Colocam-se hoje – não terá sido sempre assim!? – dois principais desafios à “atualidade” e “relevância” da mensagem bíblica, ambos diretamente relacionados com a forma de a fazer chegar às pessoas. Esses desafios encapsulam outro par de questões... Qual o texto mais adequado? O tema da tradução. Qual o suporte mais adequado? A questão da distribuição.

É vasto o espectro de metodologias de tradução bíblica, as quais vão desde o sistema de tradução absolutamente literal (interlinear) ao da tradução dinâmica (de tendência mais ou menos parafrástica), passando pela tradução textual. A primeira metodologia, a da tradução literal, embora não reflita a estrutura sintática do idioma para o qual o texto está a ser traduzido, não pode ser subestimada, constituindo uma ferramenta indispensável para o tradutor bíblico. Já a tradução textual, no meio deste espectro, devido, por um lado à simplicidade do seu propósito e, por outro lado, à extensão e complexidade dos seus delineamentos, talvez seja a técnica de tradução cujos postulados sejam mais difíceis de sintetizar, uma vez que a sua concretização tem muito a



É PARA HOJE?

Timóteo Cavaco
Presidente da Direção da Sociedade Bíblica de Portugal

ver com a aptidão, a experiência e mesmo com a atitude do tradutor. Finalmente, a tradução dinâmica tem por objetivo o leitor que, por assim dizer, “aguarda que o conduzam” ao texto. Isto significa que durante o desenvolvimento da tradução, o próprio texto deverá sofrer uma transformação tal que situe o leitor nas mesmas condições em que se achava o destinatário original. Este é um tremendo risco mas que valerá a pena ser corrido quando nos depararmos com populações profundamente iletradas no que diz respeito aos mais básicos conhecimentos do texto bíblico. Entretanto, não é despendiêdo a experiência resultante de mais de meio século de utilização dos princípios de equivalência dinâmica inicialmente desenvolvidos por Eugene Nida (1914-2011); estes são certamente um rico manancial para continuar a potenciar novos desenvolvimentos nesta metodologia e na sua aplicação em novas traduções ou em revisões das traduções já existentes. Apesar de muitas das críticas dos eruditos a este método terem perdido progressivamente significado, é ao mesmo tempo verdade que a tendência da atualidade se reflete num maior equilíbrio entre a preocupação centrada exclusivamente no texto (equivalência formal), de um lado, e no leitor (equivalência dinâmica) do outro lado. Esta aproximação, que nos parece benéfica, baseia-se em vários fatores. Em primeiro lugar, parece óbvio assumir que os princípios gerais de tradução em equivalência dinâmica são válidos e por isso devem ser usados para todas as traduções. Em segundo lugar, as traduções em equivalência formal têm continuado a ser usadas num número significativo de línguas, mas em paralelo com traduções modernas.

Em terceiro lugar, nota-se cada vez mais uma abertura generalizada em relação à necessidade de comunicar uma mensagem relevante, sem deixar de reconhecer a forma e a estrutura do texto original. Em quarto lugar, tem-se assistido em muitos países ao unir de esforços entre igrejas, geralmente mais conservadoras na sua preferência por traduções em equivalência formal, com as Sociedades Bíblicas nacionais, no sentido de juntas trabalharem na produção de traduções contemporâneas das Escrituras. Embora com muito caminho a percorrer, a questão da opção pela metodologia de tradução bíblica não é hoje um elemento tão fraturante como foi na segunda metade do século XX.

Temos depois a questão do suporte. Embora, por várias vezes e em vários tempos, tenha sido decretado o fim da era de Gutenberg, a verdade é que a produção editorial em papel continua a bater recordes. De todo o modo, não podemos ignorar a significativa alteração de paradigma comunicacional a que temos assistido nas últimas décadas, o que nos deve levar a crer que não se assiste propriamente à substituição de um suporte por outro mas sim à “convivência pacífica”, diria mesmo, cooperação entre diversos meios de suporte. Sendo a Bíblia a obra mais distribuída e divulgada em todo o mundo é perfeitamente natural que seja também o texto mais sensível a estas transformações. Estamos, pois, numa fase de mudança de paradigma, a que podemos chamar de “cultura da comunicação eletrônica” significativamente diferente dos anteriores, principalmente porque, como já dissemos, integra vários suportes comunicacionais. Em termos



da difusão da Bíblia, que é o que nos interessa considerar, a hermenêutica que lhe está associada poderá ser “mais bíblica” e “menos teológica”. O que quer isto dizer? Ao contrário de um paradigma muito centrado no suporte (manuscritos ou imprensa, é indiferente), aqui releva-se mais a mensagem como autoridade e modelo. O mundo do meio eletrónico está aberto a um novo conjunto de possibilidades interpretativas em que os suportes convivem uns com os outros. Por exemplo, a Bíblia voltou a ser oralidade. É verdade que nunca deixou de ser pois as Escrituras sempre foram proclamadas na celebração litúrgica, mas agora podem ser ouvidas em qualquer altura e em qualquer lugar. Em décadas passadas esta recuperação da oralidade dependeu da cassete áudio; não se exigia grande tecnologia associada e muitas vezes nem sequer uma fonte de energia elétrica, já que foram produzidos milhares de leitores de cassetes que eram acionados por uma manivela, permitindo assim que milhões de pessoas tivessem a oportunidade de ouvir a Bíblia na sua própria língua; chegou depois o CD áudio, os leitores mp3, etc. Entretanto, o vídeo permitiu associar o som à imagem, embora sempre sob o eventual perigo de serem adicionados elementos exegéticos exteriores à Palavra; foi depois substituído pelo DVD e entretanto foi evoluindo para outros suportes que exigem equipamentos mais sofisticados, embora os elementos essenciais continuem a ser os mesmos: som e imagem combinados. Os discos (CD ou DVD) para instalar nos computadores, hoje quase completamente ultrapassados pelas aplicações disponíveis digitalmente nos mais diversos equipamentos, permitiram produtos interativos nos quais o texto é “resgatado” em conjugação com o som e a imagem. Assim, através de uma gama quase infinita de elementos multimédia a leitura e estudo das Escrituras pode tornar-se mais “atrativa”.

A Bíblia nunca esteve traduzida em tantas línguas como hoje. A Bíblia nunca esteve disponível em tantos suportes como hoje. Consequentemente, a Bíblia nunca chegou a tantas pessoas como chega hoje. Porém, quase por paradoxo, a Bíblia nunca foi tão requisitada como hoje e nunca houve tantas pessoas a tentar recorrer a ela sem a conseguir obter. Esta frustração é razão suficiente para continuar a investir na Missão da Bíblia, certos de que continua a haver muito caminho a trilhar para que a Palavra de Deus seja realmente para todos!

Algumas coisas que todo o mundo deveria saber sobre

A propósito do termo Antigo Testamento, é importante saber que, na religião, o antigo é preferível ao mais recente. É por isso que os primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica foram creditados a Moisés, embora este homem antigo nada tivesse a ver com a escrita deles. O mesmo ocorre na atribuição dos Salmos a David e na afirmação que Jesus de Nazaré descende de David. O antigo é bom.

Hoje em dia, cada vez mais estudiosos cristãos do Antigo Testamento chamam-no ou de Bíblia Hebraica ou de Testamento Primaz (TP), pois é um riquíssimo conjunto das ideias mais originais e mais fundamentais.

Mas, e como chegar a um domínio do TP? É esta uma tarefa muito difícil sobretudo porque o TP apresenta uma diversidade teológica tão imensa que desafia qualquer tentativa de sistematização. Para contornar este obstáculo, vamos assumir que as principais festas do ano litúrgico hebraico, pura e simplesmente por serem os maiores eventos religiosos no dia-a-dia dos israelitas, deviam ter a responsabilidade de ensinar os valores da comunidade. De facto, cada uma destas festas

ensina valores que são não só fundamentais como também imprescindíveis para a vida humana.

Começamos pela festa que dá início ao ano: Rosh Hashanah ou seja Ano Novo (veja Números 29:1-2).

Esta é uma festa de renovação pessoal, partindo do princípio que nós e toda a humanidade podemos ser criados novamente se Deus nos examinar e nos recriar. Nesta festa, tu avalias o teu comportamento no ano passado e convidas Deus a julgá-lo: “Cumprí todas as minhas obrigações?”, “Fui generoso e carinhoso para com os que encontrei?”, “Fiz atos de caridade?”, “Fui honesto em tudo?”, “Estou reconciliado não só com Deus mas também e sobretudo com o meu vizinho?”, “Fiz todo o possível para ficar reconciliado?”, “Honrei os meus pais?”, “Confessei e lancei fora todos os meus pecados?”, “Estou realmente preparado para viver melhor?”. Não é exagero afirmar que a qualidade da vida humana depende exatamente de uma tal preocupação com a reconciliação.

A tua celebração do Natal e do Ano Novo tem as mesmas ênfases? Provavelmente não, mas deveria ter.

o Antigo Testamento



A segunda festa, Yom Kippur (Lev. 23:27-32), vem sete dias depois de Rosh Hashanah. É uma festa que celebra o poder do arrependimento. Faz-se jejum para aprender a simpatizar com os famintos. Há abstenção de sexo para se mostrar solidariedade com os solitários. Não se usam sapatos de couro como forma de se solidarizar com os mais pobres. Não se usam loções, cremes ou perfume para aprender com os que não têm nenhum luxo. Este é um dia solene mas não triste. Veste-se branco como sinal da pureza que se busca e também da própria mortalidade. Yom Kippur é uma festa que ensina a ter simpatia e solidariedade com toda a humanidade como também humildade perante Deus.

A tua celebração da Quaresma é semelhante? Provavelmente não, mas deveria ser.

A terceira festa é Sukkot (Lev. 23:39-43), que vem cinco dias depois de Yom Kippur. É uma festa que celebra Deus como mãe protetora, simbolizada pela barraca («sukkot» significa barracas). Tal como as outras festas hebraicas, Sukkot está relacionada ao êxodo: representa a caminhada no deserto. Sukkot é também uma festa agrícola e envolve quatro elementos tirados

da natureza: limão, ramos de palmeiras, murta e ramos de salgueiros. A comunidade constrói uma barraca e mora nela durante uma semana e assim experimenta o amor protetor de Deus. Aprende-se a prezar e proteger a natureza como dom divino. Aprende-se a simpatizar com os sem-abrigo. Sukkot produz também um maravilhoso efeito nivelador, pois ricos e pobres moram juntos, dançando, cantando e partilhando tudo. Aprende-se também a hospitalidade, pois convidam-se os que não têm barraca a hospedarem-se em outras barracas.

A tua celebração da Festa das Colheitas ensina tudo isso? Provavelmente não, mas deveria.

Há várias outras festas também, mas a última de que vamos falar é Pesach ou seja Páscoa (Êxodo 12:23 e Lev. 23:6-8), que celebra esse momento muito especial em que Deus quebrou um dos padrões sociais mais nocivos de todos os tempos, nomeadamente, o padrão que diz que ninguém pode elevar-se acima da sua classe, que se uma pessoa nasce escrava, fica escrava. Assim Pesach é a festa que mais celebra a libertação e o renascimento. Pesach envolve imenso agradecimento a Deus por todas as



suas libertações, no passado e no futuro, como também ensina a solidarizar-se com todos os que precisam de libertação. Efetivamente, a Pesach pede a libertação deles.

A tua celebração da Páscoa inclui tudo isso? Esperemos que sim.

De todas as festas, o Sábado (Êxodo 20:9) é de longe a mais festiva e a mais impressionante, apesar de, tecnicamente, o Sábado não ser uma festa. O Sábado celebra-se em casa e assim demonstra que a mais intensa e poderosa experiência religiosa pode fazer parte regular da vida. O Sábado incorpora os temas de todas as festas, nomeadamente: luz, alegria, revelação, redenção, recriação, renovação, hospitalidade, solidariedade com os escravos e necessitados e promessa messiânica. A ideia de que existe um dia particular em que, com grande intencionalidade e alegria, as pessoas se recusam a trabalhar, dando as costas ao mundo e voltando-se para a Deus, é uma grande inovação hebraica. Assim o Sábado afirma que o ser humano é muito mais do que mão-de-obra e que o verdadeiro destino do ser humano se encontra numa participação da vida do próprio Deus, que também

se recusa a trabalhar (literalmente: faz greve).

O Sábado também ensina uma lição ecológica, pois no Sábado o ser humano não tem mais domínio sobre a natureza. Assim o Sábado ensina a respeitar não só a natureza como também o descanso como dons de Deus. Ao mesmo tempo, o Sábado ensina simpatia para com todos os que não têm descanso. E porque o Sábado foi criado no último dia da criação, está ligado às coisas últimas e assim permite degustar o Mundo Vindouro.

A tua experiência dominical faz o mesmo? Com todo o coração, esperemos que sim.

Bob Butterfield
Igreja Presbiteriana

Como posso ler a

Olá Carina,

Outro dia, quando te encontrei a ler a Bíblia no teu telemóvel, lançaste-me uma pergunta bem pertinente:

– Como é que eu posso ler a Bíblia, hoje?

– Bom – respondi – podes lê-la, por exemplo, no teu telemóvel, como estás a fazer neste preciso momento! E, já agora, recomendo usares uma tradução em Português corrente, pois é bem mais fácil de entender...

– Está bem – interrompeste-me – mas não é isso o que me preocupa. O que quero saber é outra coisa: achas que Deus realmente me manda mensagens ou, como tu dirias, me “guia e orienta na minha vida” através das palavras que leio?

E continuavas a partilhar a tua experiência: como uma vez abriste a Bíblia numa página qualquer (naquele tempo ainda não tinhas a versão digital) e como o que encontraste te falou tão diretamente ao coração que ficaste sem palavras!

– Mas – continuavas, sem me dar qualquer oportunidade para reagir – no dia seguinte li sobre o trabalho forçado dos israelitas no Egito e pensei: o que tem isto a ver com uma jovem em Portugal no século XXI? Para não falar de certos textos francamente chocantes, cheios de violência ou intolerância... Portanto: se Deus nos fala através da Bíblia, como insistes, como posso eu encontrar esta voz? E...

Neste momento tocou o teu telefone, tinhas de sair e, para dizer a verdade, eu também. Mas não nos separámos sem eu te prometer uma resposta. E, como se costuma dizer, o prometido é devido!

Por isso, eis-me aqui, para te falar da minha própria experiência! Uma vez que conheço a tua impaciência, digo-te já: sim, estou convencida de que vale a pena ler a Bíblia, estou convencida de que lendo a Bíblia também hoje podemos encontrar Deus. Ou, como dizia J. Wesley a Bíblia continua a ser “um meio de graça” – se não nos esquecermos de três ou quatro pormenores fundamentais.

Mas vamos por partes. Primeiro: tens razão quando apontas para a enorme diversidade na Bíblia. Aliás, sabes bem: este livro é, na verdade, toda uma biblioteca, escrita ao longo de mais de 1000 anos, por vários autores em contextos muito diferentes! Por isso costumo dizer: a Bíblia é, antes de mais, uma coletânea de testemunhos de fé e, tão diversas como são as vidas das pessoas, também são diversas as suas experiências de Deus!

Segundo: a Bíblia não é um livro científico nem um manual de História ou de Moral! Quem a escreveu não quis defender, por exemplo, determinada teoria sobre a origem do mundo, mas sim, proclamar: “é a Deus que devemos a nossa vida!”. Não existimos por mero acaso! Por isso quem lê a Bíblia apenas “literalmente” percebe tão pouco como quem lê um poema de amor como se fosse um tratado científico!

Em terceiro lugar: infelizmente é verdade que, ao longo do tempo, a Bíblia não tem apenas inspirado grandes obras da humanidade, ela tem sido usada também para legitimar práticas horrendas, como a escravatura. Contudo, o mesmo livro sagrado deu força a quem lutou pelo fim da escravatura. Como é isso possível?

É possível, antes de mais, porque ainda há quem leia a Bíblia como quem vai ao supermercado, tira apenas aquilo que mais lhe convém. Mas não é só isto, como te disse, a Bíblia é uma magnífica coletânea de testemunhos da presença, do amor e da graça de Deus... escrita por seres humanos, com os seus horizontes às vezes bastante limitados.

Como ler então a Bíblia? Como encontrar hoje a voz de Deus no que escreveram homens em épocas remotas?

Outro dia estávamos a discutir precisamente esta questão num fascinante curso da Methodist e-Academy em que participava. Foi quando um dos docentes, o Dr. David Field, chamou a nossa atenção para um pormenor que me parece tão interessante que quero partilhá-lo contigo.

Começou por apontar para o que ele chamava “as cinco narrativas paradigmáticas” e centrais da Bíblia, sobre os patriarcas, o êxodo/Sinai, David e Jerusalém, o exílio na Babilónia e, finalmente, Jesus. Estas narrativas revelam Deus como profundamente preocupado com a humanidade e a intervir ativamente na História. Todas elas apelam à humanidade para se tornar instrumento da missão de Deus no mundo. Depois mostrou-nos como cada uma destas narrativas reflete a experiência de fé do povo de Israel em circunstâncias bastante diferentes e como, por isso mesmo, revela e dá destaque a características específicas de Deus. Agora o interessante é que, na própria Bíblia, estas narrativas se complementam e se enriquecem mutuamente num contínuo diálogo uma com a outra.

Já alguma vez pensaste nisto, a Bíblia não nos apresenta “verdades eternas” (e, menos

Bíblia hoje?

ainda, verdades apenas do passado). Não, a Bíblia documenta e envolve-nos num debate, numa discussão, numa profunda busca: em situações sempre novas, face a desafios nunca antes enfrentados, os autores da Bíblia buscavam orientação num diálogo aberto e construtivo com os testemunhos de fé das gerações anteriores. Quando, por exemplo, no século VII a.C., o fosso entre ricos e pobres estava a tornar-se abismal, profetas como Amós e Isaías olharam para esta realidade relembrando que Deus tinha ouvido o grito dos oprimidos no Egito (séculos antes!) e que todas as famílias tinham recebido terra para se alimentar. De repente, a antiga narrativa, o antigo testemunho de fé, tornou-se atualíssimo e através dela escutavam a voz de Deus: “Ai dos que juntam casa a casa, reúnem herdade a herdade...!” (Is 5,8)

O que aconteceu com Amós e Isaías, pode acontecer também quando nós hoje (eu e também tu!) lemos a Bíblia, mais do que nela encontrar “instruções” sobre o que fazer a cada momento, a Bíblia, através destas grandes narrativas, alimenta em nós a visão de Deus, abre os nossos horizontes, apela à nossa transformação, chama-nos para uma vida com grandes objetivos, prepara-nos para participarmos, também nós, na missão de Deus! Lendo os textos bíblicos, recordando as grandes narrativas centrais, refletindo nelas juntamente com outros irmãos e irmãs, olhando para o mundo que nos rodeia, escutando, em especial, as vozes dos que estão a ser marginalizados, na sociedade ou na igreja, podemos, com a ajuda do Espírito Santo, discernir a voz de Deus, também hoje.

É esta a minha experiência, sim. Porém, não é o que me acontece todos os dias. Há dias em que a passagem sugerida não me diz grande coisa. Ou mesmo muito pouco. E, no entanto, acredito que a leitura regular é importante pois alimenta em nós a esperança do Reino de Deus... Como dizer? Bom, tu tocas viola e sabes como às vezes custa treinar. Mas, como disse um grande pianista e compositor quando lhe perguntavam onde se inspirava: “todos os dias passo várias horas a praticar – e assim, quando a inspiração vier, encontra-me com as mãos nas teclas!”



*Eva Michel
Pastora Presbiteriana
em colaboração com a Igreja Metodista*



Quero ser mais humano

*Ricardo Gondim
Igreja Presbiteriana*

É curioso como, com o passar dos anos e o aproximar da velhice, os nossos valores mudam. Posições que ambicionávamos, conquistas que valorizávamos e pessoas que nos impressionavam perdem seus encantos. Atrás de nós, vamos fechando portas para euforias juvenis e idealismos inconsequentes. Já não invejamos o triunfo dos insolentes ou o sucesso dos ufanistas. Hoje, ainda sem ser velho, já consigo sentir indiferença para os sonhos mirabolantes dos messiânicos. Confesso que perdi, inclusive, a vontade de ter a última palavra sobre qualquer assunto e não me empolgo com debates que só dão uma falsa sensação de prestígio.

Esse processo começou quando enfrentei uma crise, lá por volta dos meus 40 anos. A própria consciência de que vivia na meia-idade fez-me desistir de querer ser herói, conquistador, eleito especial ou semideus. De lá para cá, caminho cada vez mais consciente de que muito dos meus esforços, lendo, estudando, trabalhando, madrugando e passando noites acordado para não perder tempo eram vaidade e correr atrás do vento. Olho para trás e percebo que não foi das minhas poucas conquistas ou dos reconhecimentos humanos que obtive os meus melhores contentamentos. Estes vieram do amor de minha família e de amigos verdadeiros — gente que não temia partilhar o

mesmo jugo que eu. Assim, fiz alguns ajustes. Redirecionei a minha leitura bíblica. Mais do que saber os detalhes exegéticos ou técnicos, ansiei que a Palavra me levasse a uma relação mais íntima com Deus. Reli a Bíblia de capa a capa, procurando o coração paterno de Deus.

Dialoguei com pessoas que tratam da espiritualidade clássica. Recompus a minha vida devocional. Aprendi sobre a oração contemplativa e redescobri a meditação bíblica. Devorei alguns clássicos, como “A Imitação de Cristo”, de Tomás de Kempis, “A Volta do Filho Pródigo”, de Henry Nowen, “A Montanha dos Sete Patamares”, de Thomas Merton, e o “Schabat”, de Abraham Joshua Heschel. Eles e outros tornaram-se meus mentores nessa nova busca interior.

Talvez, a maior descoberta que faço, nesse tempo que antecede o outono de minha vida, é que a minha vocação maior é tornar-me mais humano. Desejo aprender a ser generoso e sereno. Almejo rir, risos contagiantes; quero amar coisas simples e contemplar mais a natureza; saber deliciar-me com a arte; brincar com crianças, ler poemas e ouvir a melhor música. Preciso ser mais empático com o pobre, acolher o perdido e dar a minha mão ao abandonado.

Nessa jornada espiritual, perdi o medo de me

desnudar e mostrar vulnerabilidade. Outrora, eu temia a censura daqueles que se poderiam escandalizar com a minha fragilidade. Tentei, muitas vezes, impressionar as pessoas com discursos valentes, quando, inseguro, pedia que Deus segurasse a minha mão. Receava que algum psicólogo detetasse disfuncionalidades em mim e na minha família. Acreditava que, se alguém diagnosticasse o meu envolvimento no evangelho como uma fuga, perderia toda credibilidade. Evitava contactos íntimos para que as pessoas não notassem que eu não era tão resolvido como demonstrava.

Na mitologia grega as sereias eram criaturas de extraordinária beleza e de uma sensualidade irresistível. Quando cantavam, atraíam os navegantes que não conseguiam pelejar contra o seu poder de sedução. Obcecados por aquela melodia sobrenatural, os pilotos arremessavam os seus navios contra as rochas da ilha, naufragavam, e as sereias devoravam os tripulantes. Os gregos relatam que apenas dois conseguiram vencer o encanto de inimigas tão terríveis. Orfeu, o deus mitológico da música e da poesia, encontrou um recurso. Quando a sua embarcação se aproximou de onde estavam as sereias, ele salvou os seus parceiros, tocando uma música ainda mais doce e envolvente do que aquela que vinha da ilha. A outra solução foi encontrada por Ulisses.

O herói de A Odisseia não possuía talentos artísticos. Sem dons, sabia que não venceria as sereias. Reconhecido de sua fraqueza e falibilidade, concebeu outro plano. No momento em que sua embarcação começasse a se aproximar da ilha sinistra, mandaria que todos os homens tapassem os ouvidos com cera e que o amarrassem ao mastro do navio. Depois que encarou a sua fraqueza e incapacidade de enfrentar as armadilhas das sereias, rumou para a ilha, conforme o plano. Do mesmo modo, deu ordem aos tripulantes mesmo que implorasse para que o soltassem, as cordas deveriam ser apertadas ainda mais. Quando chegou a hora, Ulisses foi seduzido pelas sereias como previra, mas seus marinheiros não o libertaram. Quase louco, pedindo para ser solto, passou incólume pelo perigo. O relato mitológico termina afirmando que as sereias, dececionadas por terem sido derrotadas por um simples mortal, afogaram-se no mar.

O que salvou Ulisses não foi a percepção da sua superioridade, mas a consciência da sua fragilidade. Ele não tentou enganar-se a si mesmo. Eu também não me quero iludir com os meus dotes órficos. Dependerei dos meus amigos para que me amarrem aos mastros para não ceder aos cantos sirénicos.

Assim, descanso. Sinto-me livre para afirmar que ainda estou em construção. Sou um projeto inacabado e não escamotearé as minhas ambiguidades. Agora, quando me sentir cansado, terei liberdade de desabafar como Jesus: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei eu convosco, e até quando vos sofrerei?” (Mt 17.17). Quando precisar lamentar, lamentarei como Ele

quando, triste e angustiado, disse: “A minha alma está cheia de tristeza, até à morte” (Mt 26.38). Quando tiver vontade de rir, riré e dançarei de alegria.

Hoje já não me importo de parecer incoerente ou politicamente incorreto. Dizem que os pensamentos dos anciãos tendem ao enrijecimento e que os velhos resistem mudar de opinião. Busco não me engessar, apegado às minhas velhas ideias e indiferente às novas. Quero seguir o exemplo de Jesus que, em nome da vida, não temeu contradizer as rígidas normas religiosas (Mt 12.2-7); quando conversou com prostitutas e acolheu gentios, não respeitou os preconceitos sociais (Mc 7.24-30); para atender uma mulher sirofenícia, não teve receios de voltar atrás na sua palavra (Mc 7.24-30). Permanecerei alerta para não me tornar um dogmático e faccioso, cego pela minha obstinação.

Recuso encarnar o personagem de Álvaro de Campos (heterónimo de Fernando Pessoa) no poema “A Tabacaria”. A experiência do poeta foi acordar do próprio passado, como um pesadelo, e perceber que perdera contacto com a sua própria alma. Vivera uma mentira da qual não pôde escapar. Perdido de si mesmo, não se encontrou mais.

*“Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só
por não ser eu...
Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era
E não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi no espelho,
Já tinha envelhecido.”*

Anseio por uma humanidade não fingida, que não tenta transformar a mensagem do Evangelho num espelho mágico, que fala o que se desejo ouvir. Lerei a Bíblia também contra mim. Permitirei que, como espada, ela penetre no mais profundo do meu ser, discernindo, inclusive, as intenções nebulosas de meu coração.

Atenderei à admoestação do profeta Miqueias: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” (6.8).

Acredito que vem dele a minha teimosia em acreditar que não precisamos esperar morrer para começar a viver. E, como passamos pela vida rapidamente, sugiro que comecemos já.

Soli Deo Gloria

BÍBLIA E EVANGELIZAÇÃO

Jaime Goytia

(Extrato de artigo publicado no Portugal Evangélico nº 703-704 de 1980)

Quando falamos do uso da Bíblia na evangelização temos que indicar que não há possibilidade de evangelizar sem o uso das Escrituras. Foi assim desde os começos da Igreja Cristã; aí está o exemplo do Etíope e Filipe, quando aquele lia as Escrituras do profeta Isaías. Filipe começou nessa Escritura para o conduzir a Jesus Cristo, que é em suma o Evangelho.

Desde tempos imemoriais a Bíblia tem vindo a ser o fundamento principal da evangelização; nunca houve qualquer missionário cristão que tenha saído para o seu campo sem levar a Bíblia. E seja qual for a denominação, ao «chegar a um campo missionário, o primeiro caso a verificar é ver se o povo a quem foi servir como missionário tem ou não a Bíblia na sua língua. Se não, o seu propósito primordial é providenciar para que se traduzam as Escrituras na língua do povo a quem se pretende apresentar o Evangelho. Deste modo se chegou, até ao presente, a traduzir a Bíblia em mais de 1600 idiomas. Não há livro que com ela possa competir, pois o que se segue na lista não chegará nem sequer a metade desse número.

A BÍBLIA HOJE. O que mais importa saber é o que podemos dizer do uso da Bíblia no nosso tempo, e particularmente considerar se é possível usar, no nosso século das luzes, a Bíblia como instrumento de evangelização. E o certo é que temos de dar uma resposta, o que fazemos dizendo, que apesar de tudo a Bíblia e a sua mensagem constituem-se no principal meio de evangelização. Nesta era dos grandes avanços científicos, das grandes conquistas do espaço, nesta época das grandes revoluções, não resta dúvida que a mensagem da Bíblia se impõe no mundo secularizado. Procura-se que não só encha o estômago ou a cabeça, mas algo que preencha o coração, a mente, a alma e dê a certeza duma esperança certa e segura. Isto só pode ser encontrado através da Bíblia, já

que se falarmos do Evangelho temos que dizer que o Evangelho é a Boa Nova porém que em última estância esta boa nova é uma pessoa, Jesus Cristo, que se apresenta como a solução suprema para o ser humano e como a única esperança para esta vida e para o além. DO COLPORTOR AO VOLUNTÁRIO Não há dúvida de que quando começaram a formar-se as Sociedades Bíblicas Britânica e Americana toda a atividade se centrava no colportor, que era a pessoa que ia oferecendo a Bíblia de casa em casa. Dentro do nosso mundo de hoje, com metrópoles e cidades com milhões de habitantes seria impossível fazer um trabalho de distribuição positivo e eficaz com este método. Foi necessário arrancar-se para métodos ambiciosos e eficazes para que a Bíblia cumpra o seu ministério evangelizador; foi assim considerado conveniente usarem-se todos os recursos humanos envolvendo-os na distribuição da Palavra de Deus. Trata-se agora de mobilizar as igrejas para a distribuição da Bíblia, o que quer dizer que já não é o colportor, pessoa Solitária que sai a oferecer a Bíblia, mas é toda uma igreja, ou todo um conjunto de igrejas. Assim o colportor multiplicou-se em milhares de voluntários que fazem este trabalho de sementeira da Palavra de Deus e com ótimos resultados. É de notar que este método não só se levou a cabo dentro das igrejas evangélicas, mas que também muitas nações também as igrejas católicas têm feito este trabalho de oferecerem a Palavra de Deus.



Conselho Europeu Metodista

De 8 a 14 de setembro de 2016, a Igreja Metodista Portuguesa acolheu, no Porto, o Conselho Europeu Metodista que reuniu representantes das várias Igrejas Metodistas na Europa. Pela primeira vez, na história do Conselho os trabalhos foram presididos por alguém (Bispo Sifredo Teixeira) que não faz parte nem da Igreja Metodista Unida nem das Igrejas da Grã-Bretanha ou Irlanda. Assim, o Bispo Sifredo Teixeira da Igreja Metodista Portuguesa partilhou a presidência deste Conselho com o Bispo Christian Alsted da Igreja Metodista Unida do Norte da Europa e da Eurásia.



Nos dias 8 e 9 de setembro aconteceu a reunião do ECOM – Comissão Metodista Europeia para a Missão. A 9 e 10 de setembro decorreu a Conferência sobre Migrações que contou com a presença de oradores de diferentes países que partilharam o que tem vindo a ser feito por parte da Igreja Metodista no apoio aos refugiados.

Na manhã de domingo, 11 de setembro, os cerca de 60 participantes tiveram a oportunidade de assistir ao culto numa das igrejas metodistas no

Porto. Um grupo esteve na igreja do Mirante e o pregador foi o Bispo do Norte da Europa e da Eurásia Christian Alsted. Na igreja do Monte Pedral esteve outro grupo a assistir tendo sido o pregador o Rev. Gareth Powell, secretário da Conferência da Igreja Metodista do Reino Unido. Em Lordelo com outro grupo de participantes esteve o Rev. Bill Mullally, Presidente da Igreja Metodista da Irlanda.

Os últimos dias foram reservados para as reuniões do Conselho Europeu Metodista e do Fundo para a Missão na Europa.

Este Conselho que se formou em 1993, reúne anualmente e existe para que as Igrejas que o integram possam deliberar em conjunto sobre questões de interesse comum, desenvolver um testemunho metodista mais forte e vincado na Europa, partilhar recursos entre Igrejas, ser melhor representado em corpos ecuménicos e seculares, coordenar as parcerias no trabalho metodista existentes na Europa, oferecer apoio e orientação às Igrejas-membro.

O próximo Conselho acontecerá de 9 a 13 de setembro de 2017 na Grã-Bretanha.



Universidade Metodista

Jamisse Uilson Taimo e Estela Ribeiro Lamas

Como, quando e porquê surgiu a ideia da UMUM ?



A Igreja Metodista Unida em Moçambique (IMUM) é uma instituição cuja tarefa fundamental e por definição é pregar o Evangelho de diversas maneiras, nomeadamente por palavras e por obras a fim de que, muitos conheçam Jesus Cristo e O aceitem como seu Senhor e Salvador. Decorrente da sua vocação/missão, e ao longo dos mais de 130 anos de existência em Moçambique e dentro do espírito Wesleyano, a IMUM tem dado mostras de estar vivamente empenhada formal e informalmente na educação geral, profissional e religiosa tendo em vista o desenvolvimento do povo em geral e a formação de quadros em particular.

Fundamentação da UMUM

Tal como Paulo afirma, Deus nos aproximou pelo sonho que nos tem acalentado e nos tem mantido firmes na caminhada; foi por inspiração do nosso Mestre, que nós aceitámos fazer esta caminhada em parceria... criar condições para que o sonho se tornasse realidade. Reconhecemos que, para estar inspirado, o mais importante a ter em conta é a origem dessa inspiração... a Ele nos abrimos e o Seu Espírito nos inunda e nos anima. Ao longo dos tempos, dificuldades se ergueram; fossem elas de que natureza fossem, sempre vimos a nossa carreira como forma de servir a Deus; sempre vimos

o ministério que Deus nos confiou, como forma de darmos testemunho d'Ele.

Confiámos que a Universidade Metodista Unida de Moçambique (UMUM) pela visão que a orienta e pela missão que assume, uma forma de ser igreja, no sentido originário de ekklesia – a chamada de Deus para sairmos de nós – no sentido de despertar em todo o ser, que a vier a integrar, o que de essencial nele existe. Já o sentido do étimo latino de educar – (ex)ducere – nos tem levado a assumirmos o nosso trabalho como responsáveis por criar situações que ajudem cada ser humano, com quem convivamos, em ambiente educacional, a caminhar na direção certa e a tirar de dentro de si todas as suas potencialidades. Não só potenciar os dons e capacidades, mas também ajudar cada um, cada uma, a descentrar-se de si, a sair de si, para ser útil ao próximo, para contribuir para uma sociedade mais justa, para que o Reino de Deus possa ser enaltecido. Este será o nosso lema.

Mas em nada tenho a minha vida como preciosa para mim, contando que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.

Atos 20:24

Ora, para nós, que somos discípulo(a) de Cristo, grande é a nossa responsabilidade !

Unida de Moçambique um sonho ...

De acordo com a sua identidade, a UMUM tem como princípios orientadores da sua ação: (i) a inclusão; (ii) a integração; (iii) a complementaridade; (iv) a parceria. Propõe-se, pois, evitar a discriminação seja em que sentido for, seguir os objetivos do Sistema Nacional, oferecer cursos que pela sua natureza se complementem, procurar reforços para a sua atuação no estabelecimento de parcerias. Pretende tornar-se o lugar ideal para a aprendizagem da atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional, para o diálogo entre a arte e a ciência, eixo da reunificação entre a cultura científica e a cultura artística, promovendo assim um novo tipo de humanismo. Os eixos da evolução são assumidos transdisciplinarmente e visam promover uma educação inter e transcultural; o diálogo entre a ciência e a arte; a integração da revolução informática; a educação inter e transreligiosa; a educação transdisciplinar; a educação transpolítica.

A missão ...

A UMUM propõe-se promover a formação do Homem moçambicano, dotado de conhecimentos, valores ético-morais e de cidadania que o habilitem a participar de forma activa e criadora nos desafios da transformação social, cultural e económica do país; a UMUM empenha-se no compromisso com a Globalização, com a Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem.

A qualidade do ensino a implementar é, sem dúvida, um dos lemas da UMUM que, por isso, se propõe a oferecer uma formação avançada tanto ao corpo docente como ao corpo diretivo, emergindo esta diretriz como um dos seus traços distintivos; isto é, todo o profissional que integrar a



UMUM estará em contínua formação, atualizando-se e autoavaliando-se com vista a uma melhoria continuada do seu desempenho. Pretendemos, pois, optar por um modelo educativo que revalorize a função docente, que estabeleça a conexão entre o ensino e a aprendizagem – uma aprendizagem permanente e de qualidade, para uma formação integral que convide à reflexão sobre o que é ensinar e o que é aprender na universidade e como fazê-lo da forma mais eficiente e adequada.

Pois a visão aguarda um tempo
designado; ela fala do fim e não
falhará. Ainda que demore, espere-a;
porque ela certamente virá e não se
atrasará.

Habacuque 2:3

É inescrutável o seu entendimento. (...) os
que esperam no Senhor renovarão as forças,
subirão com asas como águias; correrão, e não
se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.

Isaías 40:28-31

Seja teu combate longo ou breve aqui,
Não te desanimes, Deus será por ti;
Seu divino auxílio, corrigindo o mal,
Há de assegurar te galardão final.
Conta as bênçãos ...

Hino de autoria de Johnson Oatman, Jr



África aqui tão “perto”

Era uma vontade de partir cada vez mais urgente. Partir em regime de voluntariado, numa viagem a África que pudesse dar mais sentido à minha presença nesta vida terrena. Sair verdadeiramente da minha zona de conforto, e tentar apoiar muitos dos que mais precisam.

Tendo já participado como voluntária numa Associação Portuguesa de acolhimento de crianças em Portugal percebi, pelos vários apelos recebidos via internet, que queria muito poder apoiar as necessidades demonstradas por tantos daqueles meninos africanos, e que muito precisam da nossa ajuda. E parti. Numa viagem que não é fácil, porque longa, cheguei ao destino, Nairobi, no Quênia. De coração cheio e com muita vontade de dar a todas aquelas crianças e às suas famílias um pouco de calor humano, e a minha total disponibilidade para lhes proporcionar alguns momentos mais felizes.

Quis dar apoio ao trabalho já iniciado em 2014 por uma voluntária guerreira de Braga, a Rita Martins, que criou já uma Associação em Portugal (Associação HODI), que pretende apoiar e operar em Kibera, a maior favela de África, com 1,5 milhões de habitantes. Uma população flagelada pelos problemas de pobreza, de sanitarismo precário e de falta de saúde ambiental, vivendo em condições sub-humanas.

As condições sanitárias de toda aquela população são muitíssimo precárias, e o uso de água não potável, a convivência com o lixo a monte, em extensões brutais e miseráveis, as valas de esgotos a céu aberto, com a presença dos animais domésticos esqueléticos e subnutridos naquelas paragens, as vendas de alimentação nas ruas, sem quaisquer condições de higiene, uma enorme poluição atmosférica, que em nada ajuda a que os dias possam ser menos pesados, levam a que as doenças atinjam toda aquela gente de forma brutal, sendo a esperança de vida muito baixa.

Mas o acolhimento de todas aquelas crianças é indescritível, do nada transformam-se em sorrisos, fazendo-nos sentir o quanto podemos fazer a diferença naquele mundo tão distante, e sentir o tanto que temos para dar, que se encontra por vezes “escondido” e que brota com tanta naturalidade, tão simplesmente porque o apelo de todos eles é real e verdadeiro.

Em conjunto com outras duas voluntárias Portuguesas no terreno, fomos dando seguimento àquilo que era a nossa missão, não só dar muito carinho àquelas crianças, mas também acompanhá-las em várias atividades, maioritariamente lúdicas, todas elas feitas com materiais levados de Portugal, fruto de vários donativos recolhidos um pouco por todo o nosso País. Em visitas diárias às escolas em



Kibera fomos brincando, mas também fazendo trabalhos de criatividade individual e em grupo, que eles agarraram com tanto empenho. Como é tão fácil trabalhar com estas crianças, que nada têm, e que ficam absolutamente maravilhadas com tão pouco.

Um dos objetivos desta Associação é também o apadrinhamento das crianças, de forma a poder proporcionar-lhes a frequência na escola, com o pagamento das propinas, do uniforme, dos sapatinhos, dos livros e também da alimentação que é disponibilizada na escola. Foi já possível, devido ao grande trabalho desenvolvido pela Rita, Responsável da Associação, apadrinhar 150 crianças, pelo que um dos nossos trabalhos em campo foi também o de recolher o feedback do aproveitamento escolar do último ano letivo dessas crianças, bem como acompanhar os meninos apadrinhados num trabalho feito por eles, para os seus padrinhos portugueses, a enviar em conjunto com uma fotografia atualizada da criança. Este feedback é fundamental para o sucesso da missão.

Ainda, e porque há tantas crianças a precisar de suporte, efetuámos visitas às famílias das crianças que precisam também de ser apadrinhadas, para recolher a sua história de vida, cada situação que precisa de ser apoiada, para se procurar mais pessoas interessadas em colaborar connosco nestes novos apadrinhamentos. Tantas famílias desmembradas (70% de mães solteiras, porque os pais simplesmente desapareceram, deixando as pobres mães entregues à sua sorte), mães que conseguem ganhar, quando conseguem trabalho casual, por vezes o equivalente a 1€ ou 2€ por dia para alimentar 4 e 5 filhos. E “casas” de 5 m², em que as crianças, na sua grande maioria, dormem no chão, na grande maioria das vezes sem sequer ter um colchão para se deitar.

Foram 3 semanas cheias, vivendo com condições básicas que permitiram levar o dia a dia com alento. É certo que estivemos vários dias com falta de água corrente, houve interrupção de eletricidade na casa em que habitávamos, fizemos uma alimentação bastante frugal. Mas o que era isso, comparado com todas aquelas famílias que não tinham água corrente, em que muitas delas não podiam aceder à energia elétrica, e que dependiam de saber ao fim do dia se tinham algum rendimento para se poderem alimentar.

E pude ainda presenciar cânticos a Jesus, alegres e tão verdadeiros, orando por dias melhores, numa alegria contagiante. De lágrimas nos olhos, pude sentir que eu era tão pouco, comparada com toda aquela resistência de alma daqueles seres humanos que nada tinham.

Entre dias intensos, feitos de sentimento e de união, com muita dedicação e trabalho, o tempo voou. Deixei lá um pedaço de mim, e trouxe comigo um pouco também de todos aqueles corações frágeis e carentes, que tanto me deram.

Para todas aquelas crianças, a educação é a arma de que dispõem para que o futuro lhes possa vir a sorrir, e que lhes permite saírem daquela situação aflitiva e dantesca, que são os dias passados na favela. Quem puder, que avance na tentativa de lhes dar fé e de lhes dar acesso a um mundo melhor.

“Nós podemos mudar o mundo e torná-lo num lugar melhor. Está nas tuas mãos fazer a diferença” (Nelson Mandela).

*Clara Lencastre
Igreja Metodista*



Convenção Metodista

No passado dia 4 de fevereiro, a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa levou a efeito uma Convenção, na cidade do Porto, nas instalações da igreja do Mirante. O encontro, que contou com a maioria das comunidades locais, foi dedicado à reflexão, ao debate e ao encorajamento, a fim de que a partilha de Cristo, pela palavra e pela ação, continue a ser a razão de ser da Igreja.

Visão e Missão da Igreja foi o tema do encontro, que contou com o orador, o Rev. Steven Wild, da Igreja Metodista do Reino Unido. Numa primeira sessão, o Rev. Steven Wild falou sobre a *Visão* da Igreja, e numa outra, acerca da *Missão* da mesma. Nestas, referiu a urgência de sermos verdadeiros discípulos, comprometidos com a proclamação e a vivência da Boa Nova, dando cumprimento à palavra de Jesus no Evangelho de Mateus “Ide”.

A partir da sua própria experiência, enfatizou a necessidade de a Igreja permanecer unida na vivência da *Visão*, de se aproximar da cruz, com coração quebrantado e contrito, dizendo ao Senhor: “perdoa-nos, dá-nos um novo começo”, para então se abrir a tudo quanto Deus quer fazer através dela.

Falando sobre *Missão*, como propósito principal da Igreja, lembrou a urgência de sermos mais efetivos na perseguição do nosso discipulado, mencionando uma profunda convicção no facto de que todos precisam ser salvos, e de que todos podem ser salvos, sem exceção.

A partir de diversos testemunhos pessoais, convidou os presentes ao exercício persistente do ministério — fazer discípulos que façam discípulos — recordando a necessidade do testemunho pessoal, única expressão autêntica e portadora de autoridade, daquilo que Deus em Jesus Cristo faz de concreto na vida de uma pessoa.

Nos dois momentos de divisão em grupos, foram trabalhadas questões relacionadas com o tema, dando a todos a oportunidade de se expressarem.

Salientam-se as seguintes ideias:

VISÃO

Para uma Visão assertiva, temos que ser humildes e honestos na nossa relação com Deus e com os outros. Necessitamos do Espírito Santo.

Podemos chegar a uma Visão comum através da oração (individual e coletiva), jejum, arrependimento, abertura de espírito e adoração.

Deus pode falar-nos através da oração, da sua Palavra, do Espírito Santo e das pessoas com quem nos cruzamos. Temos que O buscar com humildade, colocando-nos aos pés da Cruz.

Deus usa-nos. Somos os instrumentos de Deus, o Evangelho que os outros leem.

A vivência comunitária do Espírito Santo fortalece-nos através da partilha de experiências, anima-nos e permite-nos alcançar a visão de Deus para nós e para a Igreja.

MISSÃO

Cada convertido deve, necessariamente, ser um discípulo, um seguidor de Cristo.

A missão começa em nós, deve propagar-se aos mais próximos, familiares e amigos, e espalhar-se para todos os outros.

Missão é estar: onde estivermos aí está a nossa missão.

A missão deve sempre enraizar-se na oração.

Oração concreta, alinhada com a visão.

Para dar efetividade à Missão da Igreja, temos que saber repensar práticas, atitudes e comportamentos.



XVIII Fórum Ecuménico Jovem

Reunião dos Conselhos das Igrejas da Europa

A reunião dos Conselhos das Igrejas da Europa teve lugar de 31 de maio a 3 de junho de 2016 na Catedral de S. Paulo da Igreja Lusitana em Lisboa. Esta foi a primeira vez que Portugal acolheu este evento promovido pela Conferência das Igrejas da Europa que reúne 114 Igrejas Ortodoxas, Protestantes, Anglicanas e Velho Católicas, incluindo 40 Conselhos Nacionais de Igrejas e Organizações, tendo estado o acolhimento a cargo do COPIC – Conselho Português de Igrejas Cristãs.



O culto de abertura aconteceu na terça-feira, 31 de maio e foi presidido pelo Bispo Jorge Pina Cabral e pelo Bispo Sifredo Teixeira. Neste Encontro o COPIC esteve representado pelo Bispo Sifredo Teixeira, Presidente da Direção, e pelo Rev. Sérgio Alves, Tesoureiro, contando com o apoio para a logística do Secretário, Pr. João Pereira e do Vice-Presidente, Rev. Fernando Santos.

O programa foi composto por um tempo de partilha de experiências e visões acerca do que está a acontecer em cada país, dirigido pelo Secretário-geral da CEC Rev. Heikki Huttunen, uma reflexão sobre a Comissão para os Migrantes na Europa, pelo Rev. Aldredo Abad Heras, uma apresentação sobre “Características e Tendências da Religião em Portugal” pela Socióloga das Religiões Helena Vilaça, uma intervenção sobre “A Comissão da Liberdade Religiosa” pelo Dr. Fernando Loja, uma apresentação sobre “Migração e Refugiados” pelo Sr. Cardeal Patriarca D. Manuel Clemente e uma intervenção sobre “Rede Europeia sobre o Ambiente” pelo Rev. Dr. Peter Pavlovic.

Este foi certamente um tempo importante para o desenvolvimento do Ecumenismo na Europa.



No sábado, 12 de novembro, aconteceu no Seminário Santa Joana Princesa em Aveiro a 18ª edição do Fórum Ecuménico Jovem com o tema “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mateus 14:16).

O programa teve início com um tempo de acolhimento onde o Bispo da Diocese de Aveiro, D. António Moiteiro deu as boas vindas aos cerca de 300 jovens presentes. O aprofundamento bíblico do tema ficou a cargo do Pe. João Gonçalves, responsável pela pastoral prisional católica e por instituições de solidariedade em Aveiro. Na sua intervenção lembrou os números divulgados pela ONU relativamente ao desperdício alimentar, e ainda o facto de existirem outros tipos de fome como a fome de valores, afetos e escuta. De seguida, os participantes foram divididos em grupos para poderem refletir sobre algumas questões relacionadas com o tema.

Após o almoço partilhado, houve um tempo de louvor e partilha do trabalho em grupos, assim como uma breve apresentação sobre a origem do Fórum Ecuménico Jovem e das suas várias edições.

O dia terminou com a Celebração Final que para além dos jovens contou com a presença de 15 hierarcas das Igrejas que compõem este Grupo Ecuménico (Igrejas: Católica Romana, Metodista, Presbiteriana e Lusitana).

Da Igreja Metodista estiveram presentes 21 jovens acompanhados pelo Bispo Sifredo Teixeira e pelos Pastores Eduardo Conde, Emanuel Dinis e Eva Michel.

O XIX FEJ acontecerá em Novembro de 2017 em Braga.



notícias

Igreja Metodista

IGREJA METODISTA DO MIRANTE RECEBE NOVOS MEMBROS

Domingo, 2 de outubro de 2016, a igreja Metodista do Mirante no seu culto da manhã recebeu com alegria 11 novos membros, 7 por Profissão de Fé, 1 por Assunção de Votos e 3 por Transferência de uma outra igreja metodista. Ainda antes do momento das Profissões de Fé, uma das irmãs recebeu o sacramento do Batismo.

Damos graças a Deus por estas irmãs que publicamente afirmaram a sua fé, e oramos para que Deus continue a abençoar e a guiar cada passo das suas vidas.



20º ANIVERSÁRIO DA AUTONOMIA DA IGREJA METODISTA PORTUGUESA

A 26 de outubro de 1996 a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa oficializou a sua autonomia num Sínodo extraordinário que aconteceu na Casa Diocesana de Vilar no Porto.

Até então a Igreja Metodista Portuguesa estava sob a tutela da Igreja Metodista da Grã-Bretanha, com a assinatura da Ata de Concessão da Autonomia passou a ter independência administrativa e financeira.

Neste ato oficial estiveram presentes representantes da Igreja Metodista da Grã-Bretanha, de outras Igrejas, de Instituições nacionais e estrangeiras e ainda membros da Igreja Metodista Portuguesa.

Neste mesmo dia, aconteceu ainda o culto de consagração do Bispo Ireneu da Silva Cunha como 1º

Bispo da Igreja Metodista em Portugal.

Ali se iniciou uma nova etapa na caminhada da Igreja Metodista Portuguesa.



RETIRO DA FEDERAÇÃO DAS MULHERES METODISTAS

Sábado, 26 de novembro de 2016 aconteceu na Fundação CESDA em Aveiro o Retiro da Federação das Mulheres com o tema “Esperança na Cura”. Foi um dia dedicado à reflexão e partilha para as cerca de 45 mulheres presentes. A Pastora Maria Eduarda Castanheira apresentou o tema na perspetiva bíblica e a Dra. Conceição Abrantes na perspetiva médica.



Durante o dia, houve ainda a oportunidade de visitarem os utentes do Lar de Idosos da Instituição e com eles partilharem alguns cânticos.

No final o sentimento geral foi de gratidão e esperança.



Igreja Presbiteriana

RETIRO DAS MULHERES PRESBITERIANAS

Dias 4 e 5 de novembro as mulheres presbiterianas juntaram-se no Centro Social da Cova e Gala. Um encontro gratificante, com momentos de partilha de experiências, de estudo bíblico, de louvor e de convívio. Reforçaram-se laços, fortaleceu-se a fé e identidade Reformada, perspetivando o futuro. Deus saberá a todas guiar. "Somos Mulheres, Somos Igreja".



CLUBE DE FÉRIAS NA IGREJA - UM PROJETO PARA OS MAIS JOVENS

Crianças, adolescentes e jovens da Igreja Presbiteriana de Setúbal reuniram-se na Igreja durante as férias escolares de Natal. O "Clube de Férias" reuniu dois dias, antes e depois do Natal, durante os quais realizou estudos bíblicos, dançou, cantou, realizou trabalhos manuais, cozinhou e preparou parte da animação para o encontro de Vigília de passagem de ano. Os encontros foram dinamizados pela Pastora Cacilene Nobre e por Dulce Cabete, com colaboração, também, de Alice Salvador e da Pastora Rute Salvador.



Salienta-se o trabalho de equipa na preparação dos almoços e a visita realizada, no final do último

dia, à nossa irmã Natalina Silva, que não se pode deslocar à Igreja por motivos de saúde, e que ficou sensibilizada por esta surpresa em que os jovens cantaram, falaram do que estavam a fazer em conjunto, oraram e, através destes gestos, mostraram que, também eles, sabem levar a alegria do Evangelho a quem precisa.

MÁQUINA DE SONHOS

De 29 de Dezembro a 1 de Janeiro realizou-se em Lisboa a Máquina de Sonhos, uma conferência para jovens sob o tema: "Ide, eis que vos mando como cordeiros no meio de lobos" – Lucas 10:3.

O Tema recorda que Jesus nos envia para o meio de lobos, questionando: Será que vale a pena o risco? A possível dentada? O arranhão? A rosnadela? O ataque?



Durante estes dias os participantes aprenderam que ainda que tenham medo, a voz do Mestre fala mais alto, um som claro que ecoa até ao fundo do estômago: "Vão, mas vão como cordeiros que têm os olhos postos no Cordeiro que é Cristo. Vão, com a certeza que não estão sozinhos!"

Então, 8 adolescentes das Igrejas Presbiterianas da zona centro puseram pés ao caminho e foram aprender como podem andar no meio de lobos, andando e contando, contando e partilhando a alegria de ser cordeiro, aquilo que nos faz viver! Esta conferência juntou jovens de todo o país, porque todos sabemos que a aventura de andar entre lobos não é para cordeiros sozinhos.



REGIÕES PROTESTANTES

ENCONTRO DE MULHERES DA REGIÃO PROTESTANTE CENTRO

No dia 8 de outubro na igreja de Aveiro, realizou-se o encontro Anual das Mulheres da Região Centro, este ano com o Tema: Chamadas a proclamar as maravilhas do Senhor, teve como oradora principal a Drª Bertina Tomé. Foi um tempo de aprendizagem e reflexão sobre como estar preparada para ser uma mulher que dá testemunho da sua fé na família, no trabalho e na igreja. O almoço como sempre feito e servido pelos homens, não desapontou e saíram todas mais cheias da palavra de Deus e com ânimo para serem fieis testemunhas do Seu nome.



DIA DA REFORMA PROTESTANTE E DA REGIÃO CENTRO

No sábado 29 de outubro na Igreja das Alhadas celebrou-se o Dia da Reforma Protestante e da Região Centro. Da parte da manhã houve a oportunidade de aprender novos coros e hinos do Caderno Exultai. Foi um tempo de louvor e partilha onde puderam ensinar e aprender cânticos de louvor e adoração que foram depois levados para as igrejas locais. Depois de um almoço partilhado e de um tempo e de convívio celebrou-se o culto da Reforma com a presença do grupo de Metais da Filarmónica das Alhadas. A pregação esteve a cargo da pastora Eunice Alves que também levou consigo alguns irmãos da igreja metodista de Braga. Este foi um sábado de alegria, comunhão e envio.



CANTATA DA REGIÃO CENTRO

Nos dias 4, 10 e 11 de dezembro e no dia 8 de janeiro aconteceram as Cantatas da Região nas Igrejas de Alhadas, Aveiro, Portomar, Bebedouro e Cova Gala. Estas Cantatas juntam irmãos das igrejas Presbiterianas e Metodistas da Região Centro e têm como objetivo levar a mensagem de Natal a várias comunidades. Muitas vezes as pequenas igrejas sentiam-se tristes porque não tinham o número de pessoas suficiente para organizarem uma grande festa de Natal que pudessem celebrar o nascimento de Cristo de uma forma impactante para a aldeia ou vila onde foram chamadas a testemunhar, juntando as vozes de diversos irmãos de toda a região, quebraram-se as barreiras dos números. Não é relevante se se faz parte de uma igreja com muitas pessoas ou poucas pessoas, nesta Cantata todos são iguais e todos podem fazer parte do anúncio das boas novas do Natal: A luz brilhou nas trevas e as trevas não prevaleceram.

